AmorS
e outros contos

"tudo tem seu tempo
de florescer
as revoluções
os poemas
as palavras
e as crianças

tudo tem seu tempo de
apodrecer»
Miguel Marvilla

Marília Carreiro Fernandes

amor_e_outros_contos_miolo.indd 1 03/12/2013 16:43:30

Governo do Estado do Espírito Santo

Governador
José Renato Casagrande

Vice-Governador
Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura
Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura
Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural
Christiane Wigneron Gimenes

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas
Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente
Idalberto Luiz Moro

Gerente Executivo
Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos
Ivete Paganini

Coordenador de Projetos
Danilo Pacheco

Jornalista
Silvana Sarmento Costa

Analista de Projetos
Lívia Caetano Brunoro

Assistente de Projetos
Patrícia Soares

amor_e_outros_contos_miolo.indd 2 03/12/2013 16:43:30

Marília Carreiro Fernandes

AmorS
e outros contos

SECULT
Vitória - ES
2013

amor_e_outros_contos_miolo.indd 3 03/12/2013 16:43:30

© Secretaria de Estado da Cultura, 2013
Governo do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Márcia Selvátice Tourinho

REVISÃO
Ronaldo Oakes de Oliveira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Comunica.com
Fernanda Mello

CAPA
Ricardo Gomes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica JEP

TIRAGEM
1.000 exemplares

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Espírito Santo)

F363a Fernandes, Marília Carreiro

Amors e outros contos / Marília Carreiro Fernandes
— Vitória: Secult - ES, 2013

94p.

ISBN: 978-85-64423-29-9

1. Conto brasileiro. 2. Literatura brasileira. I. Título

CDD: 8869.301

Palavra do Governador

A democratização do livro e do saber

Entre tantas contribuições importantes que o Espírito Santo tem oferecido ao Brasil, destaca-se – no campo cultural – uma literatura da mais alta qualidade. E os livros selecionados para publicação em 2011 e 2012, a partir dos editais da Secretaria de Estado da Cultura, reiteram essa vocação capixaba e constituem excelente mostra da nossa atual produção literária. Entre os autores, alguns já são conhecidos do público, e outros vivem sua primeira experiência de publicação, mas todos têm algo em comum: a vivência da realidade capixaba. Essas obras literárias vão somar-se a dezenas de outras que, no passado, traçaram um perfil inesquecível do nosso povo, com seus sonhos, trabalhos e conquistas.

Por entender que a literatura retrata um momento do nosso processo de evolução cultural, econômica, social e política e, ao mesmo tempo, estimula o diálogo entre o presente e o futuro, nesses dois anos e meio de gestão ampliamos a abrangência e mais que duplicamos o número e o valor global dos Editais. Passamos de 18 Editais, em 2009, para 41, em 2013. E os recursos, que antes somavam R$ 3,2 milhões, foram elevados para R$ 8,5 milhões. Trata-se de uma forma democrática e transparente de apoiar nossa produção artística e cultural e de fortalecer a identidade capixaba.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 5 03/12/2013 16:43:30

Os livros agora lançados serão distribuídos em todo o Espírito Santo e entregues a bibliotecas e escolas da rede estadual, onde um público em formação terá acesso a obras que nos ajudam a compreender a realidade do nosso tempo. Além disso, o projeto Biblioteca Móvel, que faz parte das ações do Estado Presente, levará esses livros às regiões em situação de risco social, enquanto o projeto Biblioteca Transcol colocará um acervo de 12 mil livros à disposição dos usuários do sistema de transporte público, em dez terminais rodoviários.

Com esse tripé de valorização do livro e da leitura, estamos criando uma nova geração de leitores, disseminando a obra, o pensamento e o exemplo dos nossos melhores escritores, e reforçando o interesse pela literatura entre aqueles que nem sempre dispõem de recursos para adquirir os livros recém-publicados. Assim, enquanto construímos juntos o futuro do Espírito Santo, a literatura vai ocupando posição cada vez mais destacada no esforço coletivo de democratização do conhecimento e do saber.

Renato Casagrande
Governador do Espírito Santo

amor_e_outros_contos_miolo.indd 6 03/12/2013 16:43:30

Palavra do Secretário

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

Por isso, causa-nos causa especial satisfação publicar os livros agraciados pelo Edital de Publicação da Secretaria de Estado da Cultura , exercícios 2011 e 2012. As narrativas curtas e longas, as poesias e as crônicas que compõem esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Diversa em estilo e abordagem, visão de mundo e conteúdo. Publicar esses escritores é dar voz a essa multiplicidade de correntes de pensamento, que em um vasto diapasão estético e filosófico nos entretêm e revelam. E nos alimentam razão e sensibilidade. Levar essas obras aos leitores da Região Metropolitana da Grande Vitória e ao interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano por meio da promoção da arte e da cultura.

A diversidade dessas obras nos colocou diante de um instigante desafio, que foi formatar edições que dialoguem com formas peculiares e conteúdos distintos em cada gênero literário abarcado. Essa heterogeneidade é fruto

do trabalho de autores com singularidades que se refletem nesses próprios conteúdos e formas. Isso levou a um atraso no cronograma das publicações. Por isso, optamos por lançar, no mesmo semestre, as obras agraciadas de 2011 e 2012.

Essas mesmas obras serão distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. As instituições que receberem esses livros passarão a ter em mãos uma potente ferramenta para desenvolver em seus frequentadores e alunos o espírito crítico, a tolerância, a compreensão de mundo necessária à construção de uma sociedade mais justa e feliz.

Esse trabalho é realizado em sinergia com as políticas do livro e da leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel, que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória, dentro das ações do Estado Presente, e a Biblioteca Transcol, que disponibiliza acervo de 12 mil livros aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados por esses autores sejam plenos de novas descobertas.

Maurício Silva
Secretário de Estado da Cultura

amor_e_outros_contos_miolo.indd 8 03/12/2013 16:43:30

É a hora de irmos: eu para a morte, vós para as vossas vidas; quem terá a melhor sorte? Só os Deuses sabem.

Apologia de Sócrates

amor_e_outros_contos_miolo.indd 9 03/12/2013 16:43:30

amor_e_outros_contos_miolo.indd 10 03/12/2013 16:43:30

Prefácio

Escrever, desde sua origem, sempre foi uma prática de desvendamento. Sumérios, assírios, elamitas, babilônicos, todos os povos que se aventuraram na escrita buscaram-na com o propósito da descoberta – a descoberta do mundo, exatamente como Clarice Lispector sugeriu. Dos hieróglifos até aqui, muito do mundo foi descoberto, ou quase nada. As sombras da morte, as questões da vida, as influências do amor, as forças do poder, a essência humana, são tantos os mistérios que a escrita, então, perfaz os caminhos, não para solucioná-los, mas para desdobrá-los ainda mais.

E por que a escrita? Marília Carreiro Fernandes dá a dica: "Mesmo assim, quero descobrir o segredo da vida. Ou da morte" (Cf. Epitáfio, p.?). A autora, contemplada pelo edital da Secult de seleção e incentivo à edição e difusão de obras literárias inéditas no Espírito Santo, propõe descobrir os segredos – ou recobri-los – em seus contos rápidos e argutos. Marília abre caminho para cruzar linhas dúbias, contraditas, com uma narrativa marcada por um tom de relato – um relato de vozes agudas e ásperas diante de decepções, desgraças e ruínas.

Nessas narrativas, a morte se mostra como um ancoradouro. Ora aparece como intensa vontade de vingança, ora como um abandono de si mesmo. Pode encontrar nos olhos de ódio o pretexto assassinato, mas pode servir de válvula de escape para a desistência da vida, embora as lembranças sejam, por vezes, tão felizes. Pode ser "dor que doía tudo" (Cf. Claustro, p.?), ou mesmo

amor_e_outros_contos_miolo.indd 11 03/12/2013 16:43:30

quaisquer crimes de mando, como encontramos em seu romance Opala Negra (2013), já que a morte pode ser, simplesmente, o café de cada dia.

Eu diria que Marília Carreiro Fernandes integra a nova geração de escritores do Estado – nem tão embrionária, mas frutificada por uma geração passada que ainda é presente e que, mais do que em qualquer momento, se faz presente. Os autores contemporâneos, como Marília, não titubearam no beber da fonte preciosa que é essa geração de 70. Assim como afirma Francisco Aurélio Ribeiro em ensaio sobre a Literatura do Espírito Santo (2010), há neles (e, acrescento, na autora) a "consciência de abismo do mundo moderno, da dissolução dos costumes, da angústia existencial e da consciência da escrita".

Aproveitando esses ares vitoriosos de Vitória – porque sinto que ganho muito, enquanto leitora, com este livro –, deixo aqui, para Marília, versos do poeta Sérgio Blank: "e a nossa dança fica maior/ encerando toda a estrada". Preparado o chão, é permitido dançar, agora e ainda mais. A literatura dessa escritora segue a estrada encerada, aproveitando cada espaço e cada passo da dança.

Em AmorS e outros contos, participamos, nós leitores, do "le grand finale" (Cf. In pulso, p.?) ou de uma história que confunde o que é tarde com o que é cedo: nunca se sabe. Seus personagens misturam histórias e suspeitos na mente e possuem uma queda pela escuridão (Cf. Nuit, p.?), vendem a alma para o diabo (Cf. AmorS, p.?), ou escrevem cartas como que prenunciando um In pulso. Percorre-se a Reta da Penha ou a Beira-Mar por edifícios; a Ilha do Príncipe torna-se

destino, enquanto a festa de São Benedito, na Barra do Jucu, reinventa experiências. Essas, por sua vez, podem aparecer com a simples chuva que escorre na janela. As ilusões e as fantasias são mortais como os raios que nos atingem a cabeça em dias terríveis.

Seja para viver um dia nublado que anuncia chuva e, também, pausa o mundo; seja para uma fuga célere ao som de um tango que desmancha um sonho dourado; seja para morrer somente "nos telefonemas, nos gestos de atenção, de carinho. Nas conversas, nos sorrisos." (Cf. Rosa, p.?); seja para perder a alma em amor – afinal, o amor é aquela pulsão capaz de nos levar às últimas consequências. Seja, assim, a escrita essa paixão pela morte que nunca cessa, não esqueçamos nunca o que nos diz Luiz Costa Lima a respeito de um livro, que, "como qualquer narrativa", "não tem fim; apenas ganha um ponto de suspensão".

Marília, por fim, não finaliza. Suspende impetuosamente sua escrita para continuar a prática da descoberta. Embora tenha certeza de que o leitor morrerá com cada personagem, peço que não morra nunca por inteiro, pois eis que surge uma escritora para vivermos, já que a literatura nos faz viver, eternamente, e a escrita que aqui se apresenta termina por consolidar tudo isso. Boa leitura, boa morte, boa vida, boa escrita.

Sarah Vervloet

08 de setembro de 2013, Vila Velha-ES.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 14 03/12/2013 16:43:30

Sumário

Sexta-feira 3 17
Claustro 19
In pulso 21
1602 25
Profecia 27
Nuit 29
Catarina, 33
AmorS 39
Semana 45
Um congo 49
Modus operandi 51
Despedida 55
Epitáfio 59
Experiências 61
P. 65
Rosa 67
Sorriso da lua 71
Eras 77
Um tango para Juan 83
Letífero 87
Sete 89
Flash 91

amor_e_outros_contos_miolo.indd 16 03/12/2013 16:43:30

Sexta-feira 3

Noite. A mulher descompassada esperava o mesmo ônibus que eu. Minutos depois, ele chegou. Chegou e parou um pouco à frente de onde estávamos. Ela correu para seu interior como se o mundo estivesse acabando atrás de nós. No interior. E entrou. Parecia fugida. Notei nela — ou no seu interior — a necessidade de virar a rua, trocar a avenida, o que não era difícil naquele bairro cheio de rotatórias e praças.

Depois dela, seis. Sete comigo. Observava-a, era estranha. Nunca tinha visto tanta aflição na espera de um ônibus. Sentou-se exatamente na dupla de cadeiras ao lado da minha. Batia os pés contra o chão, tremia um pouco as mãos suadas, olhava aos lados. Cada minuto que se passava parecia uma eternidade para ela — talvez pela aflição — e também para mim, que começava a ficar incomodado com os seus gestos. Outros passageiros também olhavam para ela, curiosos. Ela parecia não se importar.

O 214 seguiu a viagem por Jardim da Penha, dando suas inúmeras voltas. Saíram e entraram pessoas no ônibus. E nós ali, ambos no mesmo lugar. Logo adiante, ela pediu pela parada, ansiosamente pôs-se de pé e desceu o degrau, como se estivesse pronta para correr. Não sabia (não?), mas estava se preparando. Quando passei pela rotatória, pude vê-la correndo. Ouvi tiros. Um rapaz que estava por perto levou tudo o que era dela.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 17 03/12/2013 16:43:30

amor_e_outros_contos_miolo.indd 18 03/12/2013 16:43:30

Claustro

Devo ter dormido por um longo tempo. Tentei me lembrar de algo, mas não consegui. É muito estranha a sensação hermética. A luz apagou, minha visão acabou. Quando abri os olhos no escuro, notei que eu tinha pouco espaço para me mexer. Estava preso. Tentei o bolso, o telefone estava lá. Senti uma dor muito forte na nuca quando tentei levantar a cabeça. Apertei o botão. Sem sinal. Fui lembrando, aos poucos, da pancada. Depois dela, nada mais.

Num curto gesto, levantei a mão com o celular e iluminei fracamente o ambiente. Do meu tamanho, feito pra mim. Observei, levantando a barra da blusa, que era a mesma que eu vestia quando estava no parque, sentado perto da concha acústica. Já anoitecia e as pessoas iam embora. Resolvi ficar um pouco mais, já que a solidão em conjunto do Parque me atraía.

O que vinha depois era a sensação da dor. Dor que doía tudo. Calafrios percorriam meu corpo. Começava a adormecer. Não sentia meus pés, pernas e braços. Fechar ou abrir os olhos não era mais questão de optar pela claridade. Era um pesadelo.

A dor na nuca e a dormência no corpo me angustiavam, mas nada poderia ser feito. Chutei chutes incessantes. Um peso enorme sobre meu corpo não deixou que a tampa da caixa abrisse. Gritei. Nada. Ninguém. Não adiantava.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 19 03/12/2013 16:43:30

amor_e_outros_contos_miolo.indd 20 03/12/2013 16:43:30

In pulso

Não queria morrer de verdade. É claro que minha vida não me dava muitos motivos para eu gostar dela, mas não chegava a esse ponto final. Confesso que sou um tanto insatisfeito e posso ter pensado em recorrer ao fim de algumas formas, algumas vezes, mas nunca tive forças suficientes para isso.

Ameacei aos mais próximos com a possibilidade. As pessoas ficam bastante preocupadas com você no começo, mas depois de três ou quatro blefes, obtive o descrédito. E é por isso que estou aqui, no alto dos onze andares, no edifício em que trabalho, quatro andares acima do meu escritório.

Dessa vez precisei ir mais longe. Minha mulher teve a audácia deixar a nossa casa. Disse que se ela saísse de casa, eu iria a termo com a vida, mas ela não acreditou. A egoísta me abandonou e agora preciso dar um passo maior para que ela saiba do que sou capaz.

Pensei em várias formas de fazer isso, mas jogar-me do prédio pareceu me dar mais tempo para que ela soubesse da minha coragem e repensasse nossa vida.

Imagino que as pessoas que me viram através das janelas do edifício ao lado, mais alto que esse, estão descendo e contando aos que estão na rua, pois apontam para mim. Algumas até acenam de suas janelas, pedindo para que eu não cometa esse erro. Alguém do grupo que

amor_e_outros_contos_miolo.indd 21 03/12/2013 16:43:30

cresce e comenta sobre o louco do alto do prédio está avisando aos de dentro e os seguranças estão a caminho.

Dois deles chegaram, um me reconheceu e mandou que avisassem a meu chefe.

Alguém já deve ter chamado os bombeiros e meu superior deve estar com minha mulher ao telefone, cumprindo o procedimento de contatá-la numa emergência. Calculo que ela esteja aqui em sete minutos. Trabalha na Almirante Tamandaré e só precisa andar menos de um quarteirão e esperar pelo elevador.

Olho para longe, para a cidade. Faz um belo dia. Às 16 horas, o sol já se prepara para dormir e os edifícios de várias alturas, com suas sombras, formam uma nobre silhueta.

Seis minutos. Por ser sexta-feira, fim de expediente, percebo a minúscula correria, a tensão de quem quer terminar o dia, de quem se deixaria desviar o olhar para qualquer coisa, especialmente para alguém inclinado no parapeito do décimo primeiro andar. Começo a chamar a atenção de muitos.

Cinco minutos. O segurança que há pouco me reconheceu, decidiu chamar meu nome, temeroso. Olho para ele e me aproximo ainda mais do peitoril, pendendo meu corpo através dele, e, assim, avisando que não tentem me deter. O guarda respira fundo e silencia, estático.

Quatro minutos. Já existe uma multidão na avenida. Impressionante. Cochicham uns com os outros, como se

amor_e_outros_contos_miolo.indd 22 03/12/2013 16:43:51

falassem algum segredo ou coisa absurda que eu estivesse por fazer. Confesso que gosto dessa atenção.

Três minutos. O vento está uma delícia. Meu chefe acabou de chegar e começou, de longe, um discurso motivacional que penso ter ouvido em uma das reuniões do último mês. Os seguranças também parecem não gostar da fala ensaiada. Chego ainda mais perto da ponta do prédio.

Dois minutos. Interrompo a preleção perguntando sobre minha mulher. Ele diz que já ligou para ela, mas enquanto explicava a situação, ela desligara o telefone sem dizer uma só palavra. Pode ser que ela tenha ficado tão atordoada que simplesmente desligou o telefone e veio correndo para cá. Olho para baixo e a afluência não para de ganhar número. Os bombeiros chegaram. Meu chefe está suando, com medo. Meu relógio já marcou o fim.

Um minuto. Minha mulher não veio, mas a multidão aguarda le grand finale.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 23 03/12/2013 16:43:51

amor_e_outros_contos_miolo.indd 24 03/12/2013 16:43:51

1602

Ouvi uma história quando eu morava num dos edifícios da Reta da Penha. Não me lembro do nome dele, mas agora isso não convém. A fábula era que nesse mesmo prédio morava, no décimo sexto andar, uma senhora um pouco excêntrica — para muitos, louca mesmo. Entrava e saía do prédio muitas vezes por dia. Era muito emblemática, ninguém sabia sobre ela. Mas tinha hábitos visíveis. Um deles era fazer compras todas as manhãs no supermercado de frente ao condomínio. Voltava com muitas sacolas. Sempre exagerada.

Exagerada nas compras, não nos cumprimentos. Passava, olhava para a portaria e fazia um semibalançar de cabeça, um semioi, sei lá o que era aquilo. E todos os dias ela ia e voltava com sacolas. Não a visitavam. Não devia ter amigos. Não palavreava além do necessário.

Determinado dia, ela não desceu para o supermercado. Seu carro estava na garagem, então ela deveria estar em casa. Os porteiros se perguntavam, mas ninguém sabia sobre a vida dela, ninguém tinha coragem de tocar a campainha para perguntar. Na recepção, o escaninho do milseiscentosedois cuspia papéis, cartas e contas.

Duas semanas e nada. A mulher não apareceu, não pegou as contas, não saiu do apartamento. Começaram a pensar que ela pudesse ter morrido, sozinha. E, para confirmar o pensamento de alguns, um olor carnificinante ultrapassou a porta do apartamento, exalando pelo corredor hexagonal

amor_e_outros_contos_miolo.indd 25 03/12/2013 16:43:51

e incomodando os vizinhos. Incomodou tanto a ponto de acionarem o síndico do prédio. Ele chamou a polícia, para não ter complicações, já que o cheiro era de gente morta. Depois de um tempo, os curiosos receberam os policiais no corredor, com seus narizes devidamente mascarados. Os uniformizados arrombaram a porta e entraram. Procuraram a mulher no chão do apartamento, mas, para a surpresa de todos, ela não estava lá. Foram guiados pelo mau cheiro até a cozinha. Descobriram que aquele monte de compras jazia naquele cômodo e que a geladeira dela é que tinha morrido. Tudo apodreceu. E ela provavelmente não se preocupou com isso antes de viajar.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 26 03/12/2013 16:43:51

Profecia

Cada um tem suas preferências religiosas — ou ausência delas. As de Lúcio, por exemplo, eram bem peculiares. O rapaz intitulava-se pastor e profeta.

Um dia, em um dos seus transes, disse ver o sol sumir entre nuvens acinzentadas e a lua surgir, amarelo-fogo. As estrelas sumiriam e objetos seriam lançados ao ar com a ajuda do vento. Paredes desmoronariam, criando uma grande poeira branca. E, dentre a poeira, surgiria uma moto esverdeada, apocalíptica, com um motoqueiro de roupa totalmente fechada e preta, informando um fim próximo, profetizando que, se os seus fiéis não se cuidassem, seriam tomados pela ira, já que, a partir do brado dado pelo motoqueiro, o mundo viveria pela retaliação.

Como se não bastasse, o mar molharia o cinza e tomaria conta dos bairros e casas próximas. O chão dessa ilha ficaria parcialmente inundado, forçando a aglomeração da população, que viveria com o que sobrasse. E todos buscariam por sobrevivência, de qualquer forma, esquecendo-se, inclusive, dos princípios pregados e ditos estudados por ele. O mundo deveria estar alerta, uma grande guerra se aproximava. E ninguém deveria olhar para trás, porque virariam sal, tal como a mulher de Ló.

Suas falas me pareceram um tanto quanto exóticas. Mas tinham sentido. Lúcio olhou para trás enquanto atravessava um cruzamento logo depois da rua onde ficava a sua igreja.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 27 03/12/2013 16:43:51

Uma Kawasaki verde, com o motoqueiro apocalíptico, acertou-o em cheio, sem chance de sair ileso e jogando seus pertences para qualquer direção. Negligenciando o socorro, o homem acelerou ainda mais a moto e sumiu.

O céu estava parcialmente nublado, sem estrelas, mas a lua amarelo-fogo foi a única que presenciou os seus olhos marejados, molhando sua visão já turva, vítima da retaliação. Era o apocalipse. Seu apocalipse.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 28 03/12/2013 16:43:51

Nuit

Andava com uma mão no bolso da jaqueta de couro escuro e com a outra segurava o guarda-chuva. Caminhava a passos lentos pela universidade. Eu, de longe, sentado em uma cadeira amarelo-plástico breu, analisava-a, secamente. Soube que ela era a principal suspeita pelo desaparecimento do seu cônjuge. Fiz-me detetive — pelo menos no instante — e acompanhei seus passos altos, negros. Negro também era o seu cabelo. Negro e longo, negro e liso. A cada longa passada, seus cabelos tictacqueavam limpos.

Fiquei pensando se ela realmente poderia ter matado o cara. Era jovem, já doutora. Possuía uma inteligência invejável e nem por isso se gabava, tinha um bom caráter. Inteligente, educada. Mas tinha um quê de mistério até no seu sorriso. Tinha uma queda pela escuridão. Talvez pudesse matar. Talvez tivesse matado.

Deve ser mesmo a assassina. Deve ter matado friamente o seu marido, dando-lhe calmantes e depois de dormido — já meio morto, um tiro na cabeça. Ou talvez, calmantes demais, misturados com alguma bebida alcoólica. Uma dose de veneno em seu suco, asfixia na hora do sono. Um ataque do coração por forçá-lo a fazer mais do que ele era (ou sentia-se) capaz, na cama. Um tiro à queima-roupa, depois de uma briga. Torturado e degolado.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 29 03/12/2013 16:43:51

Analiso ainda mais o seu passo — ela continua no caminho para o seu carro. Percebo que ela tem um gosto peculiar pelo negro: cabelos, sandálias, roupas, carro. O marido deve ter agonizado até a morte, com ela a observá-lo, bebendo algo para romantizar o momento. Depois do assassinato, ela deve ter trocado rapidamente o cenário, como num teatro, para transparecer que não fora ela a criminosa. Talvez tenha dado certo, pois ela ainda caminha, à noite, na chuva. Pode ser que a chuva e a luz fraca façam com que ela assuma essa postura. Talvez ela se sinta diferente, majestosa, em êxtase. Êxtase até o ponto de matar, a facadas, o — agora — defunto, amordaçando-o e riscando todo o seu corpo com a ponta da faca e deixando um caminho de sangue, fazendo-o implorar pela vida enquanto ela se finda.

Essa morte pode ter sido também parte de um ritual. Se iniciante em alguma seita, provavelmente tenha sido tarefa matar — brutalmente — alguém próximo, tirar um pouco do seu sangue quente e, quem sabe, até bebê-lo, vampirescamente. Talvez tenha sido essa justificativa religiosa que levou a professora a aniquilar o pobre coitado. Talvez tenha sido por ciúme. Talvez ela seja mesmo a assassina.

Ela parece frágil. Ele pode ter se aproveitado disso. Pode ter sido legítima defesa. O marido devia ser bruto, tratá-la mal e ela resolveu dizer que não queria mais aquele tratamento. E revoltado, ele começou a violentá-la. Além do mais, o sujeito deve ter se aproveitado do dinheiro dela para

amor_e_outros_contos_miolo.indd 30 03/12/2013 16:43:51

ficar em casa enquanto ela vem trabalhar. Sanguessugava tudo o que podia e ainda por cima batia nela, com a certeza que ela nunca o denunciaria.

Mau caráter. Sem dúvidas a culpa foi toda dele. Morreu porque mereceu morrer. A professora é tão bonita, frágil e parece indefesa. Nunca ouvi ninguém falar mal dela. Nem pessoal, nem profissionalmente. Provavelmente ele fazia algo ruim para ela e ela quis dar o troco e achou que essa forma seria a melhor.

Também pode ter sido outrem, algum amigo próximo que era apaixonado pela professora e tinha ciúme dele. Ou que sabia de seu comportamento e quis ajudá-la. Pode ser alguma amante passional que jurou matá-lo se não deixasse a professora ou alguém que simplesmente não gostava dele — ouvi dizer que não tinha muitos amigos. Imagino que não tenha sido ela. Ela não teria coragem.

Enquanto misturo as histórias e os suspeitos em minha mente, observo seus últimos passos já planejados rumo ao seu carro. Abre a porta e fecha o guarda-chuva, maquinalmente. Antes de fechar a porta por completo, olha em direção a mim, por um diferente segundo, fitando-me os olhos.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 31 03/12/2013 16:43:51

amor_e_outros_contos_miolo.indd 32 03/12/2013 16:43:51

Catarina,

Deixo as minhas explicações:

Sempre temi perder nossos bens. Antes de vocês nascerem, sua mãe e eu investimos nossas vidas na empresa da família. Cuidamos para que tudo continuasse da mesma forma — ou melhor. Graças aos lucros obtidos com as ações, temos uma vida bem estável.

Lembro-me dos seus avós deixando a empresa sob nossa direção. Vocês não conheceram a vovó porque ela, assim como eu, sentiu que já tinha cumprido o seu dever, que era, para ela, proteger e garantir o bem-estar familiar. Antes de tudo, os meus avós, criadores da empresa (há rumores de que o início de tudo tenha sido três gerações antes da minha, mas seus bisavôs que oficializaram e nomearam a multinacional), doaram-se tanto quanto nós. Seu bisavô era um homem bastante sensato e zeloso. Admirável. Após a construção do prédio, documentação legalizada e nomeação dos funcionários, ele deixou com a sua esposa tudo o que precisava para seguir a vida com os filhos. E partiu, também com a sensação de dever cumprido.

Temos um grande potencial de crescimento ainda, por mais que algumas coisas tenham dado errado nos últimos meses. Em cada geração há um cuidado especial com nosso patrimônio e a minha parte eu julgo feita.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 33 03/12/2013 16:43:51

Começa agora uma jornada a qual você terá que seguir. Imagino que sua idade já lhe permite administrar os nossos bens e cuidar da nossa família. Quando a minha certidão de óbito estiver pronta, imediatamente passarão, como está testamentado, todos os meus bens e a diretoria da empresa para o seu nome. Suponho também que você esperava por isso. Do nosso histórico familiar e da intencionalidade da sua preparação profissional você sabe. Vejo a sensatez do seu bisavô em você e sei que compreende, desde o início, a minha proposição em lhe escolher.

À diferença dos outros dois, eu quis deixar algumas últimas palavras — e instruções. Não por mim, nem por você, mas por sua mãe e irmãs. As três são mais frágeis do que nós dois, precisarão de atenção e carinho redobrados. Não esconda a verdade das menininhas, caso perguntem. Diga de fato o que aconteceu. Diga que temos a opção de escolher o caminho das nossas vidas. Tente fazer com que elas esqueçam mais rapidamente do que a mãe — crianças parecem superar a morte com mais facilidade. Diga para sua mãe que talvez seja preciso esquecer rápido também, para ajudar as pequenas.

Escrevendo esta carta, algumas coisas me vêm à mente: o meu casamento com sua mãe, a compra do nosso primeiro carro, a reforma da casa, a adaptação do quarto e a expectativa para a sua chegada. Depois de você, mais duas. Sei que a educação dada às três é impecável, sua mãe nunca deixou que faltasse nada em vocês, para vocês. Estive ao lado dela em todos os momentos, tenho certeza disso.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 34 03/12/2013 16:43:51

Deixo também essa tarefa com você. Somos iguais, concordamos nas teorias. E atitudes. E por sermos iguais, sei que você terá força suficiente para suprimir a minha falta. Seu espírito e sua força de vontade são duas coisas das quais eu mais me orgulho.

No dia do seu nascimento, quando nos olhamos pela primeira vez, percebi que você puxou a mim. Então deixo que você cuide da nossa família. Seja responsável (o que não é difícil) quando decidir por algo. Sua mãe não terá forças suficientes para continuar a viver. Faça com que ela não deixe de comer, de dormir e insista para que ela não vá pelo mesmo caminho que eu. Diga-lhe que as menininhas precisam de cuidado. Deixei guardado, onde já disse uma vez, o necessário para que você fique ao lado dela sempre, protegendo-a. E se precisar, converse com ela sobre mim. Relembre com ela o nosso casamento. Ela estava linda, radiante. Pegue o álbum de fotografias. Mostre para ela que eu estava muito feliz em concretizar um sonho que era nosso. Pegue mais álbuns, tire o dia para fotos, veja-as e depois leve sua mãe e suas irmãs para passear no parque.

Daqui a algum tempo, isso não será mais feito — não com tanta frequência. Serei somente uma boa quase indolor lembrança. As crianças já responderão por seus atos e seguirão seus caminhos. E você terá algumas novidades em sua vida.

Meu neto, seu primogênito, será um menino centrado, inteligente e terá a mesma formação que demos a você. Sei que entende os motivos dessa direção e não serei

amor_e_outros_contos_miolo.indd 35 03/12/2013 16:43:51

prolixo quanto a isso. Crie o rapaz com o nosso apego e a nossa consciência familiar. Quando ele tiver a mesma idade que você tem hoje, saberá também como prosseguir ao receber a sua carta, se optar por escrevê-la. Deixo claro que a carta foi decisão minha, os que me antecederam não deixaram registros impressos.

Em nossa sucessão, cada um fez uso de distintos métodos. A última das minhas teorias é que se eu pular do vão central da ponte não sobreviverei. Quando você vier ao escritório para a reunião proposta por mim a fim de que estudássemos sobre os patrocínios, investimentos e tesouraria, encontrará os papéis e começará a lê-los. Ao chegar nessa página, provavelmente estarei para pular ou já terei pulado. Terá que ser rápido, fecham a ponte sempre que alguém resolve pular de lá, você sabe. Não quero alarde, não quero fama. Não costumam divulgar fatos assim para não servir de incentivo. Foi também por esse motivo que decidi pela ponte. Vá lá e informe à polícia que você é minha filha e que foi pegar o carro. Depois vá imediatamente ao encontro da sua mãe, conte para ela. Provavelmente, em duas horas ela estará mais calma e poderão buscar juntas suas irmãs na escola. Conte para elas.

Antes de sair do escritório, ligue do meu ramal para o vice-diretor. Avise e peça-lhe para tomar as providências cabíveis. Não devem demorar a me encontrar, por isso, tudo deve estar pronto ao anoitecer. Peça aos agentes que lacrem o esquife. Cuide para que a solenidade aconteça ao amanhecer, de forma breve e reservada.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 36 03/12/2013 16:43:51

Passe os próximos dois dias em casa. Não por mim, nem por você, mas por elas. Precisarão do apoio que você dará. Pode ser necessário chamar o seu avó, não hesite, ele já passou por isso, como sabe, dará o alívio merecido a você e o consolo indispensável a elas. Ele entende o que sua mãe passará nos próximos anos, apesar de também entender nossas tradições.

Filha, sei que a empresa terá ainda mais êxito na sua gestão. Com sua personalidade determinada, você alcançará tudo o que foi programado por nós. Continue o meu trabalho na certeza do dia em que se sentirá tão livre quanto eu.

Estou feliz. Ficarei feliz, tenha certeza. Feliz por ter deixado mais do que o suficiente para continuar nossa família e tradições. Feliz por você, que tomará conta de nossa família, como o meu reflexo.

E quando chegar o seu dia, estarei com você.

Com amor,
Papai.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 37 03/12/2013 16:43:51

amor_e_outros_contos_miolo.indd 38 03/12/2013 16:43:51

AmorS

I

Minha vida está uma desgraça consecutiva. Fui despedido, minha esposa me traiu, meu dinheiro acabou. Perdi a casa na separação. Ela, junto com aquele advogado filho de uma puta que dizia ser meu amigo — mas no fim das contas só queria comer a minha mulher — conseguiu tirar tudo que um dia foi meu.

Sumiu. Sumiram. Ela, o filho e o cara. E eu fiquei aqui, morando no centro dessa cidade, num apartamentozinho de quinta, com pouca luz, infiltrações, sem porteiro. Dizem que acontece muito assalto por aqui, mas eu não ligo. Pra quem já perdeu o que tinha de mais importante, um assalto ou até mesmo a morte não fará diferença.

O que restou de bom foi a vista do apartamento que aluguei. A beira-mar é logo ali e, como moro no nono andar, daqui dá pra ver o Penedo e a baía. Debruçado na janela, fumo um cigarro atrás do outro. Uns 13. E penso na minha desmoronante vida. Uma merda.

I.I

Foi fumando e pensando que decidi largar tudo. Cansei do modo como estava sobrevivendo. Precisava de uma mudança repentina. Algo epifânico, que desse na minha vida um salto, para eu conseguir andar sozinho. Esquecer

amor_e_outros_contos_miolo.indd 39 03/12/2013 16:43:51

a vida feliz que eu tive, a ruim que me transbordava de ódio e começar uma nova, nula de sentimentos. Era difícil. Queria morrer.

Divagando pelo centro da cidade durante uma madrugada fria, encontrei uma mulher. Ela começou — como quem só queria passar o tempo — a conversar comigo. E eu com ela. A sua voz era aveludada e ela fascinante. Ficamos ali por horas, sentados no ponto de ônibus defronte ao Porto. Tudo o que ela me disse soava muito bonito e eu cri que a mudança estava lá, naquele momento. Acreditei que ela era a concretização do meu pedido.

Ela se tornava mais bonita a cada momento que se passava e eu, como se não houvesse medo ou insegurança, fui me aproximando. No meio da madrugada, eu já havia me encantado completamente e confiado nela. Prometi coisas que eu não sabia se poderia cumprir.

No clarear do dia, antes dos primeiros raios visíveis de sol, ofereci um café, por puro interesse. Estava sujo, com a barba por fazer, mal cuidado. Imaginei que ela não fosse aceitar, mesmo depois daquela madrugada de confissões. E, como previsto, ela recusou. Mas não pelo motivo que eu imaginei. Disse que precisava ir, mas que me encontraria novamente. Sabia onde eu morava. E que, mesmo sendo eu novo nesse lugar, ela já me conhecia e acompanhava há tempos.

Naquele sombrio alvor, sem saber, vendi a minha alma para o diabo.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 40 03/12/2013 16:43:51

II

Depois de tanto tempo, ainda sinto a mulher do Porto por perto. Não sabemos nem os nossos nomes e ela me conhece. Podemos ter nos visto em algum lugar e até conversado, mas eu não me lembro.

Lembro-me bem é da nossa primeira — e última — conversa e de algumas promessas que fiz. Nunca mais a vi. Fico na janela olhando pra baixo, com a sensação de que ela vai passar lá e olhar para o meu andar, acenar. Disse saber onde eu morava. No entanto, ela nunca apareceu, nunca passou. Só que ao mesmo tempo em que é distante, ela divide o apartamento comigo. Tenho a sensação que ela vai chegar, jogar a bolsa por cima da mesinha, acender um cigarro, pegar uma xícara de café, dar a volta pela sala, sentar na ponta do sofá de dois lugares e começar a conversar.

No meio dessas lembranças e pensamentos, a imagem da minha antiga família me vem, em algumas horas. Não sei nem da ex-mulher nem do filho. Também não quero saber. Quero pensar no futuro e planejar tudo para a nova vida, a nova mulher. Estou bem. Bem melhor do que antes. Tenho vontade de andar outra vez lá perto do ponto pra ver se a vejo. Mas se eu sair, ela ficará aqui, sozinha, em todos os cantos desse apartamento.

Não sei quem ela é, se faz alguma coisa, se tem projetos. Se tinha interesse em mim ou se foi conversar por compaixão. Não me importo com isso.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 41 03/12/2013 16:43:51

III

Da janela vejo a fumaça seguir seu rumo sem interferências. Penso, por horas, em alçar voo dali. Olho pra baixo. Ela passa na rua. Grito, ela não me responde. Saio desesperado de casa, nem apagar o cigarro eu apago. Desço o elevador fumando, quero nem saber se entrará alguém. Corro do prédio, mas ela já não está no mesmo lugar. Corro. Quanto mais eu corro, mais ela fica distante. Atravesso a rua, subo no muro e lá longe, de preto, ela caminha a passos lentos. Corro.

III.I

As pessoas olhavam com medo pra mim. Nunca se sabe o que está acontecendo quando alguém corre desesperadamente pelo centro da cidade. Pode ser assalto. E eu corri, tropecei, caí. Levantei-me instantaneamente e continuei a correr. E a mulher se distanciava ainda mais.

Ela curvou a rua com destino à Praça Oito. Ofegante, mas insistente, eu cheguei pouco depois na mesma curva. Não conseguia mais correr. Quando me dei conta, já tinha atravessado a rua e estava na praça. Eu e mil outras pessoas. Não a encontrei. Voltei pra casa, pra janela, pros cigarros.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 42 03/12/2013 16:43:51

IV

Passei dias trancado no apartamento. Não comia, tomava banho ou dormia. Sabia que a infiltração poderia gerar ainda mais problemas no futuro, mas me faltava força até para ligar pedindo que alguém fosse lá consertar aquilo. Só pensava nela. Queria ouvi-la, vê-la.

A conversa que tivemos naquela madrugada não saía na minha cabeça. Começava a acreditar que tudo era uma imaginação dos últimos dias, que ela nunca existira e que eu havia enlouquecido por completo.

IV.I

A infiltração já mofava a parede do quarto. Estava esteticamente feio, mas, por mim, a casa inteira poderia padecer no mofo que eu continuaria mofado no sofá ou escorado na janela, fumando todos os cigarros do mundo.

Fui pra janela. Olhando para fora de casa, comecei a lembrar do tempo em que eu era casado. Foi um tempo feliz. Eu tinha o necessário para viver bem. Todas as lembranças do meu casamento me fizeram ter uma incrível vontade de me abandonar de vez. Não havia sequer um pequeno motivo para eu querer continuar vivo. Tudo só parecia piorar.

Quando decidi caminhar em direção à minha libertação, a campainha tocou. Só poderia ser engano.

Ainda querendo me jogar, atendi a porta. Era ela.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 43 03/12/2013 16:43:51

V

Tive um presságio.

Espantei-me com sua precisão. Nas três vezes em que eu quis me matar, a mulher veio ao meu encontro. Ficamos parados, olhando um para o outro durante eternos minutos. Estava deslumbrante, vestida de preto-cetim. Ousei perguntar o motivo que a fez demorar tanto para vir até a minha casa. E ela calmamente respondeu que esperava por mim e que aquele era o momento mais importante da minha vida. Viera buscar o prometido.

Como um beijo de gosto dessemelhante, senti que algo transcendia a mim. Como se eu tivesse deveras perdido a minha alma.

Ela sorriu.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 44 03/12/2013 16:43:51

Semana

Segunda: por uma pequena falha do adesivo fosco da porta, foco o cinza lá fora. Hoje é o primeiro dia frio — ou quase — do ano. Abril morre. Nos últimos anos, o frio e a chuva quase não combinam. Tristeza.

Fico pensando como está lá fora. As folhas esverdeadas da castanheira de frente à minha janela devem balançar felizes com o vento crepuscular gelado. Mais cedo, abri a porta rapidamente — não posso fazer esse tipo de coisa, já que abrir a porta traz barulho para dentro da sala — buscando o que de mais bonito podia existir do lado de lá.

Contento-me em imaginar as pessoas bem-vestidas nos seus casacos, passeando pela rua. Faço o meu trabalho. Tenho vontade de estar lá fora. Numa pausa, tomo um copo de café, um de água, fumo um cigarro e volto para a frente do monitor. Ainda pensando no que está fora de mim. Espreito mais uma vez, mas já não consigo ver muita coisa além de luzes foscas amarelas. Anoiteceu. Descubro que, olhando de uma forma mais direta, consigo avistar o outro lado da rua.

Vozes informam o frio que faz lá fora. Por instantes, imagino sentir o vento que vem por baixo da porta vedada. Ouço um barulho semelhante à chuva. Olho para o relógio esperando que ele atinja logo a hora de eu sair, mas sessenta segundos se transformam em seis mil, imediatamente.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 45 03/12/2013 16:43:51

E os óculos encostam-se à porta, não me importo se arranham. Uma necessidade tamanha da libertação brota em meu peito. Quero o que está lá fora, quero o que agora não posso ter. Sinto-me preso, morto.

No desespero, arranco mais um pedaço da borracha que deixa o canto do vidro límpido. Não há adesivo nele. Ninguém pode perceber. Quero a porta aberta, quero o vento gelado entrando por essa fresta e ocupando todas as salas, mexendo com todas as pessoas. Quero que ele beije levemente meu rosto e faça com que eu me sinta novamente quem eu fui minutos antes de entrar aqui.

Terça: tudo continua cinza. Saí de casa um pouco mais cedo a fim de chegar antes que todos os meus colegas e escolher a mesa mais próxima da janela. Assim, posso olhar lá para fora com mais facilidade. Sabe, a rua me encanta. Eu gosto de movimento. Aqui é tudo fechado e raramente ouço alguma conversa. As reuniões são feitas em outro departamento e alguns funcionários estão sempre muito ocupados. Existem também alguns chatos, que sempre comunicam à diretoria quando há alguém puxando conversa.

Felizmente fui o primeiro a chegar, junto com um colega. Pedi para sentar-me à mesa perto da janela e ele consentiu. Peguei todos os meus pertences e me transferi para lá. Ajeitei a mesa e — pasmo — vi que o que estava do lado de lá era apenas o branco.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 46 03/12/2013 16:43:51

Quarta: adianto meu relógio em oito minutos para que eu não chegue atrasado. Essa tática funciona comigo. Na verdade acho que funciona com muita gente. Hoje eu observei o relógio de um homem no ônibus, estava três minutos atrasado se comparado ao meu. Sempre esqueço que o relógio está adiantado e acabo chegando na hora aos meus compromissos. Nunca me lembro de pequenos detalhes como esse. Ainda chove.

Hoje, em especial, há um barulho que incomoda a todos na repartição. Dá para perceber que a concentração é nula — ou quase. Muitos se distraem em redes sociais ou jornais. Mas ainda assim, ninguém conversa. Penso em puxar assunto com o cara da mesa ao lado, comentando a respeito da mudança brusca que houve no clima ou até mesmo do barulho ensurdecedor, mas ele dá um longo e tedioso suspiro e desisto mesmo antes de tentar.

Parece que estão quebrando uma parede.

Quinta: Descobri que a parede quebrada ontem era na outra sala da empresa. Fizeram uma nova janela e dela dá para ver a rua. Leem pensamentos neste lugar. Procurei logo alguma forma de transferir a minha mesa para lá.

Enquanto isso, organizo as minhas obrigações do dia. Sei que procrastinarei, como fiz a semana inteira. Vou dizer a verdade: estou aqui pelo dinheiro. Não gosto do que faço. Não gosto deste lugar. Sou um frustrado.

O salário é bom, mas as pessoas que trabalham comigo não. Ninguém sente necessidade de conversar.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 47 03/12/2013 16:43:51

Nem na hora do café. Fala-se o essencial. A inércia da empresa me incomoda.

Sexta: A semana está quase no fim e, finalmente, consigo o meu novo lugar. Não chove, mas o clima ainda é estranho. Faz frio. Da minha nova mesa avisto o que há do outro lado da rua. A parede branca ficou na outra sala. Daqui vejo árvores e prédios. E, às vezes, pessoas.

Com trabalho se empilhando em minha mesa, resolvo observar o que há além do vidro. Noto algumas folhas caindo da castanheira e chego até a ouvir carros e buzinas passando pela Fábio Ruschi. Observo alguns que chegam às suas varandas, mas um prédio detalhado em azul me chama a atenção.

Vejo, em cima dele, funcionários de uma empresa, instalando um não-sei-o-quê. Perco alguns minutos olhando para eles e percebo que há, entre dois, algum conflito. Um arremessa fragmentos de tijolo no outro. Talvez não seja conflito. Talvez são amigos e estão brincando. Brincadeira estranha. Mesmo assim, continuo olhando.

A brincadeira parece tomar outro rumo e encontro-me só, na janela, observando-os. Um terceiro aparece na cena, tentando separá-los e é imediatamente empurrado, para que não participe da briga. Ele pisa em falso, perde o controle. De costas, deita-se no ar e chega à portaria do prédio, numa fração de segundo.

Dias depois eu soube, daqui da janela, que tudo não passou de um acidente de trabalho.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 48 03/12/2013 16:43:51

Um congo

Conta-se que a festa de São Benedito acontece no litoral capixaba devido ao livramento da morte que escravos receberam num naufrágio ocorrido próximo ao litoral de Nova Almeida, em 1856. Eles se agarram ao mastro do barco, uma espécie de estandarte, com a imagem de São Benedito. As cerimônias se dividem em cortada, fincada e retirada do mastro e o santo é louvado nesses momentos.

Festa na Barra da Jucu. Todos estavam preparados para a retirada do mastro de São Benedito. Rainha Maria, mulher que nasceu no congo, desde criança participava de todas as cerimônias junto com seus pais. Era tradição, crença, amor. E pelos mesmos motivos, ela se casou com um guardião do mastro de São Benedito. Viviam os dois, durante o ano, preparando tudo para os dias em que a alegria tomava conta do povo da vila.

Naquela manhã de janeiro, quando os guardiões com suas camisas e coletes, tambores, casacas, apitos, triângulos e caixas e as rainhas vestidas com seus vestidos azuis e estandartes estavam prontos, Maria sentiu uma dor muito forte, mas seguiu, pelo congo, pela fé(sta). E a dor não parou, mas ela resistiu bravamente, como fez durante toda a vida. Disse a ninguém sobre o que acontecia. Sabia que o silenciar dos tambores era próximo.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 49 03/12/2013 16:43:51

Cumpria-se a tradição: as casacas, os tambores e as pessoas se balançavam ao repicado do congo. As rainhas rodopiavam felizes, com seus coloridos mastros agarrados à cintura. Uma, especificamente, levava a imagem do santo para os fiéis reafirmarem o motivo da comemoração: a devoção. A alegria contagiava dos menores até os mais antigos, turistas e quem estivesse por ali.

No retirar do mastro, a rainha sentiu o mesmo dentro de si e, demonstrando não ter mais forças, foi levada para casa, enquanto o mastro era — também — levado pelos moradores, noutra direção. Já deitada, sentiu-se afortunada por ter nascido e vivido ao som do congo. Durante toda a tarde relembrou músicas, tempos e personagens que passaram por sua vida-congo. Quando o sol se pôs e deu-se a última batida do tambor, tudo emudeceu.

Na manhã seguinte, todos cantavam pelas ruas:

Eu tô chorando, ô Maria
Vem me acalentá, ô Maria
Por causa do amor, ô Maria
Que me faz chorá, ô Maria...

amor_e_outros_contos_miolo.indd 50 03/12/2013 16:43:51

Modus operandi

A polícia chegou tarde demais.

O suspeito dos crimes era o homem que andava pelo parque, sempre à noite. Ninguém sabia, mas ele já tinha, inclusive, criado uma passagem secreta que ligava sua casa à parte mais sombria dos mirantes da Fonte Grande. E era por lá que ele passava com suas vítimas.

Os vizinhos ajudaram na solução do caso. O homem tinha um comportamento completamente diferente do usual. Era muito centrado em suas obrigações profissionais e sempre que encontrava com alguém da vizinhança, cumprimentava. Porém, depois de um determinado tempo (três meses anteriores ao dia da execução do mandato de prisão), ele parou de conversar com os vizinhos e passou a viver em sua casa, sempre isolado. Deixou de cuidar do jardim e de passear com seu cachorro, como era costumeiro. Não mantinha contato aparente com ninguém.

A polícia tinha registrado, em seu banco de dados, cerca de 14 sequestros. Um detalhe em especial chamava a atenção: todas as vítimas eram mulheres. E esses sequestros foram registrados no tempo em que o suspeito mudou o seu comportamento. Esse foi o principal motivo que levou à denúncia.

A partir de um mandato de busca e apreensão, policiais foram até a casa do suspeito. O cão farejador encontrou, ainda no quintal, a ossatura e o resto de um pobre animal de estimação, que aparentemente agonizou até morrer.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 51 03/12/2013 16:43:51

Depois da primeira evidência, levaram o cão para o interior da casa e, através dele, descobriram que sob o carpete da sala de estar havia uma porta e, embaixo dessa porta, um porão, dividido em duas partes: uma, um quarto bem arrumado e diferente do andar superior da casa, aonde o homem levava as suas vítimas, e, num ritual sadomasoquista, amarrava-as com finas correntes de ferro, direcionando suas mãos para o alto e acelerando a clemência que seria feita por elas antes de morrer; outra, outro quarto, equipado, gelado como um frigorífico.

Prostitutas. Estrangeiras. O homem ligava, pedia por um programa, passava de carro para buscá-las e, após o sexo — convencia as garotas a usarem as correntes no porão, asfixiava-as. Após a asfixia, levava-as para o outro lado da casa e congelava os corpos.

Feito um ano do início da detenção, contou ao colega de cela um pouco de sua vida. Apaixonara-se por uma mulher e vivera um romance com ela. Doava-se demais e queria reciprocidade. Sabia, desde o início, que a mulher pela qual se apaixonara era uma garota de programa. Foi assim que se conheceram. Não se importou. Estava inebriado. Com o tempo, a realidade veio à tona e começou a se incomodar com a vida que a mulher levava. O incômodo com tudo teve seu ponto alto quando, em um jantar com casais amigos, um dos mais próximos disse que a conhecia e que, naquele ambiente, dois ou três já tinham contratado a garota.

Incomodou-se ao ponto de chegar a casa e pedir para que deixasse sua vida por ele. Prometeu-a uma vida não com

amor_e_outros_contos_miolo.indd 52 03/12/2013 16:43:51

tantos luxos que tinha, mas que, de certa forma, satisfazia — a ele. Mas não a ela. Não conseguiu convencê-la. O trabalho era importante para a garota. Ela gostava do que fazia e não pararia por ele. Inconformado, planejou matá-la. E assim, ela deixou sua vida por ele.

E depois do primeiro assassinato, a sua mente pedia mais. Na semana seguinte, através dos classificados do jornal, ligou para outra prostituta. Viu, quando ela entrou em seu carro, que alguém poderia se apaixonar por ela, em casa, após o sexo, asfixiou-a. Repetiu a mesma ação 12 vezes mais. Alegou que cometeu todos os crimes para evitar que outros homens sofressem por amor, como ele.

Matar não era o bastante. Ele congelava as mulheres. Montou um santuário, uma sala de troféus. Todos os corpos estavam limpos, congelados. As moças pareciam dormir, tranquilamente. Cada uma em um balcão.

Matava uma mulher por semana, até que os pais da última contratada por ele alertaram à polícia sobre o desaparecimento da filha. Sabiam de sua profissão. Ela não passava mais de uma noite com o mesmo homem e havia cinco dias que não ia para casa. A partir daí, começaram a investigar.

A irmã mais nova refez os passos da garota ao sair de casa. Saía sempre pelo mesmo local, o que facilitava para a polícia. Junto com a cena gravada, o repórter pediu para quem estivesse no parque ou na redondeza da casa da vítima ligasse e denunciasse algum movimento estranho ou alguém diferente que vira por aquela região.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 53 03/12/2013 16:43:51

Receberam uma ligação que informava sobre um homem que sempre caminhava com seu cachorro no parque, à noite. Após um retrato falado divulgado, outra ligação informou onde era a casa do suspeito. A polícia imediatamente emitiu o mandato, foi até a casa do homem.

Ele atendeu a campainha, pensou em fugir, mas resolveu deixar os policiais entrarem em sua residência. Respondeu negativamente às perguntas que lhe atribuíam a autoria dos sequestros. A casa estava um pouco bagunçada, mas nada tão diferente do que existe quando se mora sozinho. O cão farejador foi guiado para o quintal. Eufórico, latia olhando para o gramado, lugar em que acharam o cachorro do suspeito, enterrado.

Enquanto o assassino era algemado e levado para prestar esclarecimento na delegacia, o cachorro voltou para dentro da casa e começou a farejar os quartos, cozinha e sala. Nesta última, parou em cima do carpete e também latiu. Alguns policiais retiraram o tapete e encontraram a porta que direcionava ao porão.

Descendo as escadas, viram as correntes e algemas. Não havia sangue nem sinal de assassinato. Mas o cachorro ainda latia, apontando para outra direção. Atrás de uma parede falsa, uma porta de metal.

Aberta a porta e acesas as luzes, observaram as bancadas e as moças congeladas. Com as fotos levadas para a delegacia, o suspeito já sem desculpas assumiu os 14 sequestros e mortes, culpando passionalmente uma só mulher por tudo o que fez.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 54 03/12/2013 16:43:51

Despedida

Há tempos ele não viajava de ônibus. Mas — certo dia — seu carro precisou ficar na autorizada para fazer alguns ajustes e o homem precisou seguir para rodoviária, de onde rumaria à sua terra natal.

Acordou atrasado e saiu sem mesmo escovar os dentes ou lavar o rosto. Para disfarçar, colocou os óculos de sol e pegou um chiclete de menta que estava no bolso da jaqueta, mastigou-o. Conseguiu um táxi na altura do shopping Boulevard e seguiu para a Ilha do Príncipe. Quando chegasse à rodoviária, faria tudo o que não teve tempo de fazer.

Todo o esforço de nada adiantou. Antônio perdeu a chance de fazer surpresa para seus amigos e família, perdeu o primeiro ônibus. E o segundo.

A fila para a compra do ticket de embarque dava voltas. Parecia uma cobra em movimento. Lamentou-se por não estar com o carro. Enquanto esperava por sua vez, relembrou, ali mesmo na fila, quando era estudante e não tinha grana. Viajava regularmente de ônibus. As passagens naquele tempo eram bem mais baratas.

Seu pensamento foi interrompido pela demonstração de raiva de uma senhora, inconformada, afirmando que tinha reservado seu bilhete por telefone. "A companhia não faz esse tipo de serviço, minha senhora", disse moça do balcão — já também sem muita paciência.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 55 03/12/2013 16:43:51

Riu do azar da mulher. Junto com ela, saíram dois da mesma fila, que iriam para o mesmo lugar que ela. Ele também, mas como sabia que tinha perdido o ônibus, nem se preocupou em comprar a passagem, esperaria a fila diminuir. O próximo carro só passaria duas horas depois. Enquanto isso, começou a conversar com um dos dois desconhecidos que desistiu de ficar em pé e que, coincidentemente, sentou-se ao lado dele. Era feriado, a rodoviária estava lotada e a briga por cadeiras, acirrada. O menino com quem conversava fez com que se lembrasse ainda mais da vida universitária. Fazia o mesmo curso que ele fez.

Entre um papo e outro, notou um carro preto estacionando na direção da fila dos passageiros. Um homem bem vestido desceu do carro e foi abordando algumas pessoas. Numa rápida conversa, ia passando por todos da fila.

Percebendo que também embarcariam, chegou até os dois e perguntou-lhes se estavam com a intenção de ir para o sul do Estado. Disseram que sim. Em seguida, ele ofereceu uma carona paga: ele estava pronto para ir em direção àquela região e, para ganhar um extra, ofereceu uma viagem mais confortável, pelo preço do ônibus. Chegariam mais rápido e com mais disposição ao destino.

Antônio agradeceu e disse não estar com pressa. O menino, receoso, fez o mesmo e o homem continuou sua peregrinação pela rodoviária, dessa vez perguntando em voz alta se alguém queria seguir viagem com ele.

Duas mulheres e um rapaz se interessaram pela oferta. Queriam viajar logo, mas demoraria uma hora e

amor_e_outros_contos_miolo.indd 56 03/12/2013 16:43:32

poucos minutos — se não houvesse engarrafamento — para que o próximo ônibus chegasse até o terminal. Despediram-se de alguns conhecidos que estavam também na fila e entraram no carro.

O menino resolveu levantar e convidou Antônio para lanchar. Ele agradeceu e continuou sentado, pensando se aquela carona era, de fato, verdadeira.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 57 03/12/2013 16:43:32

amor_e_outros_contos_miolo.indd 58 03/12/2013 16:43:32

Epitáfio

A — minha — morte não deve ser sobrenaturalmente encarada. Nascer subtende-se morrer. A verdade é que, por mais que estejamos preparados, nunca estamos.

Mesmo assim, quero descobrir o segredo da vida. Ou da morte.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 59 03/12/2013 16:43:32

amor_e_outros_contos_miolo.indd 60 03/12/2013 16:43:32

Experiências

Sento na poltrona ao lado da janela e observo a chuva derradeira. Por horas fico nesse exercício de pensar em tudo, em nada. Ora vejo a chuva cair, ora penso na morte. Pensar na morte é o que sempre faço quando os dias estão assim, silenciosos, escuros. E gosto. Gosto de pensar em algo que eu não conheço. É no mínimo muito interessante não saber o que vem depois. Imagino mortes, não só a minha, mas de muita gente que me rodeia. Até os que eu só vi passar vez ou outra por mim. Acidentes, doenças, cataclismos. Às vezes até mortes engraçadas, parecidas com desenho animado ou algum filme de ficção. Já matei diversas vezes e continuarei dando fim ao que eu não comecei.

Se as pessoas soubessem o dia de sua morte, poderiam mudar o seu caminho, talvez. Talvez o mundo fosse um pouco melhor se houvesse prazo de validade para cada um. Ou balburdiasse tudo logo de uma vez. Há quem não se preocupa com o depois e por isso faz questão de nada. Há quem se preocupa com o post-mortem e faz; e há também quem diz se preocupar com o que virá e engana a si mesmo.

Não falemos dessas pessoas. Voltemos para a (quase) morte. Dia desses estava eu, neste mesmo lugar, pensando no mesmo, quando senti que flutuava acima do meu corpo físico e fui guiado, por um ser também flutuante, para um túnel longo, escuro, como o de Bosch. No fim havia um portal. O ser me instruiu a atravessar o túnel, mas disse que seu

amor_e_outros_contos_miolo.indd 61 03/12/2013 16:43:32

chegasse à luz, não voltaria para cá e decidi não prosseguir. Parecia um renascimento, mas não estava completamente certo, pois eu não lembrava a forma como havia morrido e por não lembrar, quis voltar para casa.

Acordei, renasci, ressuscitei, sei lá. Passei algumas horas deitado, sem forças. Dormi perturbadamente. Acordei, mas ainda predominava a sensação de cansaço, como se eu estivesse sem dormir há dias. A impressão foi que o flutuar até o portal demandou tempo e muita força. Ainda sentia dores pelo corpo e não tinha vontade de levantar. Era um dia de chuva e frio. Continuei na mesma posição, pensando no que havia acontecido, se eu tinha morrido, quase morrido ou somente sonhado. Optei pelo terceiro.

Decidi levantar e tomar um banho gelado, na esperança de me sentir melhor. Devidamente arrumado, mas ainda com perturbações vindas do sonho, saí de casa. Precisava caminhar um pouco, distrair os pensamentos. Estava nublado.

Caminhando sem direção fui atraído, ruas depois, para um cemitério. Pequeno, parecia ser só para quem morava por ali. E, coincidentemente, havia um cortejo. Fiquei encostado na entrada, observando as pessoas, os gestos, durante toda a cerimônia. Era outono, as folhas caíam das árvores. Aquele dia deve ter sido bonito para morrer.

Os dias em que fantasiava a morte de alguém eram quase todos dessa forma: turvos, frios e chuvosos. Há beleza em dias como esses e não sei por que a minha mente sempre associou o encanto de dias assim a sepultamentos. Para mim, o belo é triste e ser triste é condição existencial.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 62 03/12/2013 16:43:32

Após o enterro, saí da porta do cemitério, já que não condizia a mim o dever de consolar alguém que ali estava. Não me importava também. Nunca me importava. Eu só matava as pessoas, não frequentava os velórios.

De repente, tudo escureceu ainda mais, o céu de branco passou a cinza-escuro e formou-se, em segundos, uma tempestade. Nada melhor para aquele momento. Enquanto todos corriam da chuva, continuei minha caminhada, com as mãos nos bolsos, aproveitando cada gota de água que caía sobre mim. Voltei a pensar na associação da chuva com a morte. Cheguei, por instantes, a desejá-la. Parecia que os céus ouviam o meu clamor e entravam em transe, junto comigo. Passamos a uma ligação cúmplice, quando sentia as energias da chuva. Continuava caminhando. A chuva batia cada vez mais forte em meu rosto e eu sentia uma força tamanha em meu corpo, como nunca tivera sentido. Estava fortalecido para tudo naquele instante. Foi quando um raio se pôs em minha direção.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 63 03/12/2013 16:43:32

amor_e_outros_contos_miolo.indd 64 03/12/2013 16:43:32

P.

Meu nome eu não preciso dizer. O que importa é o que faço: vivo para dar cabo à vida dos fraudulentos. Se alguém — que não sabemos quem é — passar pela fronteira, ou se identifica para um de nós ou eu mato. Não tenho dó nem piedade. Os crimes aqui são todos de mando. Demandas com terras, empresas, por causa de dinheiro, desafeto, traição. Temos uma lista com os nomes e uma lógica para seguir. A nossa justiça é particular.

Temos os vigias da vila, que rondam as casas à noite e se algo não estiver habitual, resolve-se. Não somos criminosos. Só fazemos o que a justiça não faz. Sabemos que existe uma ligação entre as pessoas, o dinheiro da vila, os políticos e os pensamentos. Todos esses estão conectados e são eles que colocam os nomes na lista. E nós, como temos regalias por isso, executamos o serviço. É como um trabalho normal. As pessoas trabalham e vivem bem. Nosso trabalho é matar e nos sentimos bem com isso.

Matar é como tomar um café na padaria. Você vai lá, toma seu café e continua fazendo o que lhe é de direito, enquanto alguém limpa o que você deixou sujo. Lava e tira suas digitais. E seca. E guarda. Quem está perto vê que você foi à padaria, mas já é um fato tão corriqueiro que não mais se importa. Ou não quer se importar.

Às vezes a sede é maior e você toma mais de um café por dia, dependendo da vontade. Às vezes o vício é tamanho

amor_e_outros_contos_miolo.indd 65 03/12/2013 16:43:32

que dá vontade de tomar a garrafa de café inteira, num só gole, e queimar a garganta e tudo o que há por dentro. Só que você tem que seguir a receita, senão passa da linha. Dizem que excesso de cafeína no corpo não é bom.

Seguimos à risca a receita. Tomamos os nossos cafés. Todo mundo sabe quem faz o café, quem o serve, quem o toma, quem o limpa. A padaria funciona maquinalmente. E todo mundo compra o pão, e gosta.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 66 03/12/2013 16:43:32

Rosa

Não sabia. Não sabia que eu sabia que estava doente e não tinha muito tempo. Não tanto tempo quanto o meu tempo. Fazia alguns meses que já não nos falávamos. O tempo, diferente do primeiro, não colaborava conosco. Tínhamos os dias cheios — os dela foram se esvaziando pela chegada da morte, ou da tentativa dela. Reuniões, aulas, seminários, palestras, trânsito, minutos contados. Ela decidiu largar o escritório e aproveitar o restante do que restava. Resta um. Resta zero. Reza. E eu continuei com a minha vida. Falávamo-nos uma ou três vezes por semana, víamo-nos com frequência.

Hoje tenho vontade de visitá-la. Na verdade, a vontade é de voltar muitos meses para abraçá-la no momento em que descobriu que já não duraria muito. Mas por não durar muito, eu decidi durar menos. Morri.

Morri nos telefonemas, nos gestos de atenção, de carinho. Nas conversas, nos sorrisos. E fiz o que não deveria ser feito. A vontade de visitá-la não é curada com as visitas periódicas e a troca das flores, coroas e manutenção do túmulo. Monologo com ela. Lembro-me das coisas, das vidas, da nossa vida, sozinho. Passo algum tempo em um dia da semana sentado na parede de cimento que divide a vida da morte. Ela, morta. Eu, vivo. Semivivo. Morto-vivo. Embaixo desse cimento há somente a sua cova e os vermes já devem ter se fartado de toda a sua carne. Repito

amor_e_outros_contos_miolo.indd 67 03/12/2013 16:43:32

esse processo uma vez por semana e a vontade da visita ainda não se vai.

Resolvi, depois de uma dessas visitas, ir até à sua casa, exatamente 11 meses após sua morte. Era sozinha e eu, como mais próximo, tinha a chave. Pensei que ela pudesse ter trocado a fechadura, por termos perdido o contato, mas me enganei: a chave era a mesma e o apartamento, um santuário. Algumas fotos dos mais próximos e muitas nossas. Muitos quadros, discos, filmes. Eu gostava dela. E ela de mim. Mas não na mesma proporção. Um dia, tentamos, mas tínhamos os mesmos gostos e não deu certo. Não éramos compatíveis, mas éramos compatíveis. Talvez por isso nos demos bem. Mas não mais que isso.

Olhando aquelas lembranças todas, não sabia o que fazer com o apartamento. Tudo tinha o cheiro dela. Cheiro de flor. Cheiro de Rosa. Pensei que poderia arrumá-lo para quando ela voltar, mas ela nunca voltaria, já estava noutro lugar. Sentei na cadeira — sua preferida — e pude sentir, por minutos, a sua presença. Decidi por arrumar, faxinar canto por canto, quarto por quarto e comecei pelo dela. Abri o guarda-roupa, peguei algumas malas, coloquei-as abertas sobre a cama e fui tirando suas roupas dos cabides, uma a uma, dobrando e guardando. Fiz a mesma coisa com os sapatos. Abrindo as gavetas, descobri que tudo o que foi dado por mim estava lá, intacto. Fotos, bobagens, lembranças.

Aquilo doía.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 68 03/12/2013 16:43:32

Não pude fazer feliz a quem eu amei. Amei, mas não amei o suficiente e por isso não podia consumar. E ela sabia que eu não podia. E sabia também que ela não me faria feliz. Mas gostávamos um do outro.

Continuando a mexer e a organizar as coisas, fiquei pensando que ela deve ter me entendido quando sumi, pois não me procurou. Entendeu a minha dor de tê-la abandonado, que doeu, em mim, saber de sua morte próxima. Sei que doeu nela também, mas ela sabia que mesmo se eu quisesse, não conseguiria amá-la. E a cada pensamento, achava mais algum indício sobre nós dois. Quase me arrependi de não ter dado a ela mais do que dei. Mas sei que não daríamos certo. Não era preciso tentar e simplesmente por isso não tentamos. Na mesa da sala, muitos papéis jogados. Fui organizá-los e encontrei, embaixo de uma das pilhas, um bilhete com a data de um ano e três meses atrás. Com meu nome desenhado, colorido, em destaque, dizia no papel que me entendia e não me culpava de todas as atitudes que tive depois que ela descobriu a sua doença já terminal, que também teria se ausentado se estivesse em meu lugar. Disse ainda que ser o que eu era não fazia de mim menor ou maior, pior, ou melhor. Que era por minha essência que ela me amava e eu ser assim não diminuía o amor que sentia por mim. Morreria me amando e sabia que eu a amaria de alguma forma um pouco parecida, talvez diferente.

E depois do bilhete, continuei ali, no meio de tudo pensando que realmente não daria certo. Mas mesmo assim, ela fazia muita falta.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 69 03/12/2013 16:43:32

amor_e_outros_contos_miolo.indd 70 03/12/2013 16:43:32

Sorriso da lua

— Não é mesmo linda a lua que há neste lago? Ah, que vontade mergulhar em sua face.

— Não seja tola, sabe que é apenas reflexo.

Acrescido de um pequeno sorriso em puro desdém direcionado a mim ou, algumas vezes, minutos de silêncio perturbadores, era esse o diálogo que se repetia entre mim e ela, em todas as noites, por quase um ano.

Na independência de meus doze anos, costumava passar de bicicleta por ali todos os dias, quando a noite começava a se erguer, misteriosa. Não que fosse o caminho indicado para casa, ao contrário, tomava-me muito mais tempo que ir pela rua principal, mas compensava pela tranquilidade e a bela vista que me dava mais coisas boas que pensar.

A harmonia do lugar me derrotava. A certo ponto do trajeto, via-me, naturalmente, entrando num caminho que dava às margens do lago. Encostava minha bicicleta com a pintura já bem arranhada no tronco de uma Paineira-rosa e me sentava mais à frente dela, com as pernas esticadas e as palmas das mãos no chão, atrás de mim, como se elas sustentassem o meu corpo.

Não havia nada ali que eu não conhecesse. Os cascalhos do chão, a amplitude do lago, a calmaria da água, os sinais do céu vistos daquele ponto, todos me eram familiares. Menos ela.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 71 03/12/2013 16:43:32

Nesse dia notei uma sombra diferente ao longe, uma silhueta feminina, com os longos cabelos ao vento. Ela olhava o lago, estática, sem perceber ou se importar com a minha presença. Era curioso o modo como se portava na margem, sua postura não era de alguém que admirava, mas como se conversasse com o que via. Isso me incomodava sobremaneira.

Pensei em ir até o outro lado, mas não consegui me dar nenhum motivo ou desculpa razoável. Fui embora. O restante do caminho para casa foi distraído pela cena da figura enigmática que havia visto aquela noite; absorto também nos sonhos, manhã e tarde do dia seguinte.

Quando tomei o caminho para casa dessa vez, decidi entrar um pouco mais tarde num trajeto para o lago, na esperança de, mais próximo do cenário do dia anterior, poder vê-la melhor, se aparecesse.

O ambiente já não era mais tão íntimo como sempre me pareceu e eu não sabia dizer o que havia mudado tanto em apenas um dia. Primeiro, supus ser o ponto de vista, pois costumava parar algumas árvores antes de onde estava agora, mas achei bobagem. Depois, julguei ser culpa de algumas nuvens que cobriam partes do céu naquele dia, mas concordei que também não era isso. Na expectativa de que ela aparecesse, passei a ouvir sons que nunca tinha percebido ali. Havia cigarras cantando da parte mais escura do gramado atrás de mim; alguns pássaros ameaçando curtos "pios" que, pensei, já deveriam estar dormindo; até o vento soprava numa melodia nova ao meu

amor_e_outros_contos_miolo.indd 72 03/12/2013 16:43:32

ouvido. Enquanto sentia a brisa, ouvi um barulho de galho fino se quebrando e me virei.

Ela era muito mais bonita do que eu imaginava em meus devaneios. Quando deu mais um passo, a luz da lua clareou seu rosto, revelando-o encantador; pele morena, olhos grandes, escuros, profundos, a boca desenhada com uma delicadeza incrível.

Pelo susto que tomou a me ver ali, concluí que não havia me notado na noite anterior. Tentou se esquivar e retornar ao caminho pelo qual chegara, mas, num impulso, pedi que esperasse. Virou-se novamente para mim e a vi mais linda que antes, fiquei boquiaberto, não sabia o que dizer, apenas não queria que fosse embora. Ela me olhava, esperando, até que tomou à frente e perguntou o que eu queria. Gaguejei. Não sei dizer o que aconteceu aos vocábulos ao despontarem da minha boca, mas tentava articular sobre como ela era linda, contar que a havia visto na noite anterior e que meu nome era Pedro. Bom, tudo isso saiu em quatro palavras.

Sorriu timidamente, parecendo se solidarizar com meu embaraço e se aproximou de mim. Apresentou-se e explicou que não poderia ficar ali por muito tempo mais. Apesar disso, convidei-a para se sentar comigo e ela aceitou. Usava um vestidinho azul, bem simples, com pequenas flores brancas e prendia apenas parte de seu longo cabelo, deixando o restante cair sobre os ombros.

Não conseguia desviar os olhos dela que, por sua vez, fixava seu olhar no lago, até que perguntei:

amor_e_outros_contos_miolo.indd 73 03/12/2013 16:43:32

— Por que você olha tanto para o fundo do lago? Notei, ontem, que algo a atraía lá.

E essa foi a primeira vez que ouvi sobre a lua no lago e completei nosso diálogo, achando-me um tanto quanto espirituoso.

Conversamos pouco mais e soube que ela morava do outro lado da cidade e fazia o caminho inverso ao meu, pois, há pouco, descobrira, como eu, o caminho longo e bonito que passava pelo lago. Quando perguntei sobre sua família, disse-me, bruscamente, que precisava ir e, antes que pudesse perguntar se voltaria na noite seguinte, já desaparecia entre as árvores. Dei uma última olhada em volta e fui embora também.

O sorriso dela não saía da minha cabeça. Tímido, bucólico, marcante. Ostentava um semblante caído, um olhar triste e, por isso, mesmo que rapidamente, era encantador quando sorria. Os segundos do dia seguinte batiam o pulso do relógio a lentos compassos e meu coração palpitava cada vez que via seu rosto em minhas fantasias. Eu era muito menino e nunca tinha sentido tanta falta de ar sem estar correndo ou tanto tremor nas pernas sem estar doente. A noite chegou e fui o mais rápido que pude à beira do lago. Pouco depois ela chegou. Eu estava muito feliz e nervoso, mas parecia que ela tinha chorado. Entre o receio de parecer indelicado ou indiferente, optei por me fazer de distraído enquanto ela mesma não se abrisse ao assunto. Passamos a conversar sobre a noite e sua beleza. Seguiu-se o recorrente diálogo sobre a lua no lago. Algum silêncio. Despedimo-nos.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 74 03/12/2013 16:43:32

Meses se passaram dessa forma e eu adorava minha nova rotina. Contava os minutos que faltavam para vê-la, desejando que corressem para que eu pudesse admirar seu sorriso melancólico, seu olhar profundo para o lago e conversar sobre o que houvesse de mais abstrato. Ela nunca chegava antes de mim, o que me dava tempo para curtir o frio na espinha que a ansiedade causava. Também nunca falava do mundo real, o que, apesar de às vezes ser intrigante, deixava-me num profundo encantamento.

Quase um ano, enquanto guiava minha bicicleta para a estradinha do lago, resolvi que o melhor seria dizer a ela o que eu sentia e torcer para que fosse recíproco. Não fiz grandes planos depois disso.

Nessa noite, ela havia chegado antes de mim. Soube quando vi suas sandálias repousadas no lugar que costumávamos sentar. Olhei para o lago e a vi, já bem distante, borrando o reflexo da lua com as pequenas ondas que fazia na água enquanto se dirigia mais para o fundo. Em um momento mergulhou. Esperei que voltasse para tomar ar e, então, chamaria por ela. Não voltou. Fiquei lívido e confuso, não entendi o que ela queria, por não voltar à superfície. De súbito, tirei os sapatos e a camisa e me lancei na água em sua procura. Nadei em direção ao centro do reflexo que víamos da margem, da lua no lago, e consegui agarrar seu corpo já sem consciência.

Levei-a até a margem e deitei-a em meus braços. Gélida, encharcada, tenra a dormir, quem sabe que sono. Estava pálida, mas sorria, tristemente.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 75 03/12/2013 16:43:32

amor_e_outros_contos_miolo.indd 76 03/12/2013 16:43:32

Eras

Era tarde, pelo menos pra mim, mas eu já caminhava a fortes passadas pelo calçadão do centro. Péssimo horário para passar por ali, deveria ter escolhido um trajeto melhor. Bom, na verdade, não importava, mas era desconfortável tentar andar rápido sendo impelido pela gente que ia e vinha em todas as direções. Esse alvoroço só piorava meu estado. Os soluços — em palavras que eu guardei só pra mim — insistiam forçar a saída e os empurrões tornavam o trabalho de sufocá-los mais difícil. As vozes das pessoas que passavam ao telefone ou conversando entre si me irritavam, pareciam felizes. O mundo era horrível, não havia motivo para tanto. Todo mundo era horrível.

"Ridículo", pensava de mim mesmo, enquanto me esquivava de um ou dois esbarrões, pois não me interessava saber quem vinha na frente e apressava o passo para superar a afluência e encontrar logo um lugar seguro em que pudesse gritar. Era tudo o que eu queria fazer: gritar com alguém, comigo mesmo, com todo mundo, com o nada se fosse possível. Ainda não tinha tido essa chance e sabia que precisava, ficara mudo diante da cena que perturbou minha vida poucas horas antes.

Nenhum sinal, nada. Nunca houve um mísero aceno, gesto, sombra de desencantamento. Tudo sempre foi bonito e fácil, como deveria ser. Ou será que não deveria ser assim? Começo a duvidar de tudo agora. Duvido de quando nos

amor_e_outros_contos_miolo.indd 77 03/12/2013 16:43:32

conhecemos, no primeiro dia de aula na faculdade, duvido de todas as coincidências que descobrimos ter em gostos por livros, filmes, música. Duvido do sorriso fresco que eu ganhava toda manhã e do cheiro de carambola que tinha seu cabelo. Duvido de todos os momentos que tivemos e de todas as confissões de amor. Duvido, principalmente, do dia do nosso casamento e do sim dito no altar. "Ridícula", passei a pensar.

Quando consegui deixar o calçadão, embocando-me numa ruazinha que não fazia ideia aonde levaria, lembrei que, de qualquer forma, não tinha um lugar para ir, então não importava, continuaria apenas andando e pensando em tudo, pensando tanto que chegava a doer. As perguntas comuns não me interessavam, não queria saber como, por que ou quando, só queria ficar longe, uma distância que levasse tudo de mim, sentimentos e história.

Corri. Não adiantava tentar, involuntariamente uma sucessão de cenas se repetiam na minha frente. Começava pelo desembarque. Eu (ingênuo, penso agora) chegando de uma viagem bem-sucedida do trabalho, contrato firmado, promoção em vista e um dia antes do imaginado pelo bom andamento de tudo. Consegui um voo de fim de tarde para chegar enquanto o sol ainda se escondia e aproveitar o tempo. Saí do avião com saudade dela (sensação que nem sei mais descrever) e adorando a oportunidade de fazer uma surpresa. Fui direto ao ponto de táxi e pedi que parássemos para comprar um enorme buquê de lírios brancos, decorados com algumas rosas vermelhas. No

amor_e_outros_contos_miolo.indd 78 03/12/2013 16:43:32

caminho para casa eu olhava as flores e sabia que ela adoraria o presente, era um tipo de romântica simples, mas nunca dispensava um cortejo. Sabia que estaria em nosso apartamento, era madrugada. Surpreender-lhe-ia com os lírios, roubaria um beijo e a convidaria para um cálice de seu vinho predileto sentados no jardim de inverno.

Chegando à portaria, dispensei o taxista e me dirigi ao elevador. Todo aquele ambiente me agradava, observamos cada detalhe antes de comprarmos o imóvel e ainda podia ver os grandes sorrisos ou narizes tortos ao opinar sobre os detalhes, o que me dava um imenso prazer. Décimo andar. Havia tomado o cuidado de tirar as chaves ainda no elevador e fui lentamente destrancando a porta que dava para a sala de estar. Entrei e fechei-a após mim, silenciosamente. Passei pela sala e entrei no corredor que dava para os quartos e escritório, deixei minha maleta e me dirigi à nossa suíte. A porta estava fechada e abri-a com cuidado, mas ela não estava ali. Desesperei-me. Decidi voltar ao escritório a fim de encontrar meu telefone e ligar para todo mundo, procurando por ela. Enquanto ia saindo do quarto, ouvi sua voz, vinha do banheiro. Voltei a ficar contente.

Com a manha de quem aplica uma peça, entrei bruscamente no banheiro e ela estava lá, nua, partilhando nossa banheira com meu irmão caçula. Não posso descrever o choque, mas cheguei a ponderar se estava no lugar certo, ou se aquelas pessoas eram realmente quem eu pensava que eram. Algo tinha que estar trocado, havia uma confusão

amor_e_outros_contos_miolo.indd 79 03/12/2013 16:43:32

lógica na cena diante dos meus olhos, mas não, era mesmo o meu apartamento e aqueles dois eu conhecia muito bem.

Obviamente, eles me viram e pareceram tão estarrecidos quanto eu. Depois do silêncio inevitável, chacoalhei a cabeça e saí, batendo todas as portas que podia, o mais forte que consegui. Não tinha paciência para esperar o elevador, desci os dez lances de escada como se fossem dois e comecei minha caminhada pelo calçadão.

Acabavam as cenas e recomeçavam desde o desembarque, às vezes em sequência, outras vezes se alternando e, de vez em quando, buscando lembranças de um passado que machucava agora, mais do que qualquer coisa. Os dois se conheceram no dia do casamento, mas era tudo o que eu não queria entender enquanto ofegava pela corrida. Já tinha percorrido uma boa distância. Os músculos das pernas já doíam e quase consegui me concentrar neles. Pensei que talvez precisasse de outra dor pra esquecer a que me perturbava a vida. Uma dor tão grande que anestesiasse emoções e tornasse irrelevante minha biografia histriônica. A falta de ar já comprimia meu peito, mesclada de angústia e cansaço. Notei minha boca seca, minhas mãos inchadas e o coração batendo tão desesperado como se fosse ele mesmo o detentor do tal amor traidor e como se houvesse sido apunhalado fisicamente. Quando comecei a sentir uma leve tontura, sorri por um instante, pois pensar no desgosto do meu corpo espaçava a repetição de cenas da minha cabeça.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 80 03/12/2013 16:43:32

Um momento de prazer, viciante. Apertei ainda mais o passo e a tontura aumentou. Adorei ouvir o barulho que meus pés faziam ao bater no asfalto e o sibilo causado pela pressão que sentia não conseguindo respirar. Não fazia questão de enxergar nada — mas agora não veria, mesmo se quisesse. Meus olhos se fizeram neblina e a pontada no peito levou-me ao chão. Jogado na calçada, sem conseguir mover um só músculo, pude sentir os primeiros raios de sol mais fortes tocando na pele visível e, na direção do astro, tentei finalmente gritar, mas consegui apenas pensar bem forte, "ridículos!".

...

Era cedo.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 81 03/12/2013 16:43:32

amor_e_outros_contos_miolo.indd 82 03/12/2013 16:43:32

Um tango para Juan

Aconteceu assim:

Juan, jovem rapaz com muitos sonhos, mantinha uma paixão por Anita, uma mulher linda, clássica e amante de música. Miguel era um dançarino experiente e dono do Tango Rojo. Mercedes era sua parceira de dança e de vida. Os quatro se conheceram naquele salão, em uma noite fria, como o próprio lugar onde estavam.

Horas antes, Juan fez exatamente como mandava a tradição: comprou um buquê de rosas vermelhas e levou para Anita. Convidou-a para jantar em um restaurante bastante conhecido. Surpresa com o pedido, aceitou. Sabia que o moço não era muito romântico e a ocasião poderia nunca se repetir.

E assim aconteceu. Saíram. Antes mesmo de chegar o menú, Juan, não contendo sua ansiedade, tirou um anel do bolso e pediu Anita em casamento. Surpresa, disse um instantâneo sim que, apesar de não demonstrar, Juan tanto esperava.

Após o jantar, convidou a noiva para comemorar numa casa de tango. Ele era um dos exímios da dança e conquistara várias mulheres por causa dos dois tempos.

Chovia. Os dois andavam apressados pelas ruas de Ciudad Autónoma de Buenos Aires para chegar logo no Tango Rojo. Juan estava ansioso para dançar com Anita e relembrar o dia em que se conheceram.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 83 03/12/2013 16:43:32

Pela primeira vez naquele salão, Anita esperava pelo começo da apresentação. Era uma noite de libertação. Começara uma nova vida a partir do pedido feito por Juan.

Começada a música, foram dançar. Dançavam num compasso perfeito, cerrados. Ao lado deles, outro casal também chamava a atenção dos expectadores.

Ao final da primeira música, os quatro arrancaram aplausos de todos que estavam presentes. Fizeram uma perfeita apresentação. E foram apresentados: Juan e Anita conheceram Miguel e Mercedes, os donos do Tango Rojo. Conversaram sobre a casa antiga e bem estruturada. Suas instalações eram perfeitas para a execução de uma música tão intensa como o tango.

Músicas depois, Mercedes propôs a troca de parceiros na dança. Conversara antes com Miguel sobre o modo como os noivos dançavam e ambos decidiram fazer a proposta.

Juan achou conveniente, pois aproveitaria e conversaria com a professora para descobrir como se tornar um dançarino profissional. Era seu sonho dourado. Anita não viu problema em dançar com o famoso Miguel. Muitas mulheres ostentavam uma paixão por ele. Iam ao Tango Rojo para vê-lo dançar e ela não tinha feito esforço algum para ser o par dele por alguns minutos. Então, por que recusar? Poderia ser interessante.

E foi. Miguel era alto, forte e dançava muito bem. Conduziu Anita como ela nunca fora conduzida por nenhum homem e ela parecia estar em outro mundo. Terminado o tango, os casais foram conversar no bar. Anita percebeu que além de saber conduzir uma dama, Miguel também era voluptuoso

amor_e_outros_contos_miolo.indd 84 03/12/2013 16:43:32

e eloquente. Ela lançava olhares para ele sem que Juan percebesse. Assim começava um passo entre dois tangos.

No fim da noite, marcaram um dia na semana seguinte para voltarem ao Tango Rojo. E cumpriram a promessa. Fizeram o mesmo ritual do dia em que Anita conheceu o salão e Miguel. Dançaram juntos e, com a proposta feita — dessa vez por Miguel, Anita pôde sentir outra vez o que sentira antes quando dançara com ele pela primeira vez. No embalo das escalas, Juan percebeu algo diferente no ar.

Quando descansavam para voltar a dançar, Anita comentou que Miguel dançava muito bem e que Juan poderia aprender alguns novos passos com ele. Miguel sorria e Juan concordava, para não contrariá-la. Mercedes somente observava.

A noite parecia não ter fim. Após muitas danças, Miguel, num gesto amigável, convidou o casal para ir ao andar superior, conhecer os depósitos de instrumentos, roupas e sua casa, onde vivia com Mercedes.

Subiram os três. Juan precisava se recompor e para isso pediu uma bebida. Ficou tranquilo em saber que Mercedes subiria com eles, assim não aconteceria com Anita e Miguel o que ele temia. Não confiava no dançarino.

Após terminar algumas taças de vinho, já meio embebedado, Juan subiu as escadarias para ir ao encontro dos três. O ambiente era sombrio, desconhecido e o rapaz não conseguia achá-los. Foi andando lentamente, para não fazer barulho e encontrou, na sala do casal, a coleção de armas de Miguel.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 85 03/12/2013 16:43:32

Ao abrir uma das portas que davam para a sala de vestimentas, deparou-se com os três. Três que naquela hora eram um. E sendo um, deveriam morrer como um. Voltou, pegou uma arma e os quatro ouviram disparos, além de Muerte del Angel, que tocava no salão.

A cada toque, um passo, um gesto. O som do violino aumentava ainda mais a angústia de Juan. Precisava sair imediatamente daquele andar, do salão e se recompor de tudo o que aconteceu. Desceu as escadas rapidamente, esbarrou nas pessoas que dançavam. Abriu a porta e correu como se o mundo soubesse o que havia feito. Por um minuto parecia que tudo estava perdido. Corria como um fugitivo. Tornara-se um fugitivo.

Corria. Corria e o som estridente do violino atordoava sua mente. Um filme passava em sua cabeça. A música era rápida. A chuva aumentava. Aumentava o medo de Juan. A essa hora da madrugada, havia pouco movimento nas ruas de Buenos Aires. Não havia carros pela rua, exceto um, aquele que acabaria com a angústia de Juan.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 86 03/12/2013 16:43:32

Letífero

Ouço a terra cair sobre a madeira. O impacto da terra semiúmida sendo lançada deliberadamente para dentro da rotura à mostra produz sons cada vez mais abafados, cada vez mais sufocantes. Sei que estou sonhando. Olho a cena de longe. Estou a quatro, talvez cinco metros do grupo de enlutados. Não (re)conheço ninguém.

Uma mulher envolvida num longo vestido preto e consolada por um lenço de linho parece ser quem sofre mais. Há um homem estático, acompanhando o movimento da pá com seus óculos escuros. Uma senhora, já com os cabelos bastante brancos, abraça uma jovem, como se tentasse abrandar a dor. E dois rapazes, bem vestidos e próximos da suposta viúva, permanecem cabisbaixos, talvez em respeito, talvez em tristeza, talvez com dúvida de como se portar na situação.

Ouço, ao longe, uma suave música cantada por senhoras que acompanham o enterro. Ainda atormentado com as pancadas da terra, sinto calor e falta de ar. O homem de óculos escuros parece olhar para mim sem me ver e, nesse momento, acordo de súbito.

Os saltos da cama têm sido recorrentes nos últimos meses. Sempre o mesmo sonho. Acordo sempre na mesma hora, sufocado pelo olhar daquele homem, um olhar suave e inevitável, um anúncio. Não o conheço, mas sinto que

amor_e_outros_contos_miolo.indd 87 03/12/2013 16:43:32

deveria. Já devo tê-lo visto em algum lugar. Não poderia ter simplesmente inventado suas feições.

Não quero voltar a dormir. Dormindo, posso voltar para o pesadelo e novamente sentir a letargia da última hora. Lembro-me dos sons que afligem. Da terra. Resolvo sair de casa. Não vale a pena tirar o moletom. Quero apenas dar uma volta, fazer esvair essas sensações. Está frio e escuro. Saio do prédio e rumo ao parque para apenas uma volta. Na primeira curva, vejo-o parado e sei que olha para mim, apesar dos óculos escuros. Não sei o que pensar, não há mais ninguém por perto.

Acordei de súbito. Não sei se estou sonhando agora, mas ouço a terra cair sobre a madeira, sem cantos. O impacto da terra semiúmida sendo lançada deliberadamente para dentro da rotura, produzindo sons cada vez mais abafados, cada vez mais sufocantes. Mas dessa vez, não vejo a cena de longe. Está frio e escuro.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 88 03/12/2013 16:43:33

Sete

A menina tinha uma vida comum. Morava com os pais, numa bonita cidade do interior. A família sempre foi adepta ao quintal cheio, seja de hortaliças ou de animais de estimação. As crianças gostavam mesmo era de cachorro.

Aconteceu que, num certo dia, um amigo da menininha disse que sua cadela teria filhotes e que, se ela quisesse, ele poderia lhe dar um. Sem mesmo perguntar aos pais se podia, ela aceitou imediatamente e começou a esperar o bichinho ansiosamente, como se esperasse um filho. Claro, era uma criança e, como quase toda criança, gostava de cachorros. Já tinha até uma lista de nomes para o próximo, o sétimo, desde que ela nasceu.

Esse era o melhor, porque pela primeira vez seria dela. A garotinha queria comprar a ração, dar banho, levá-lo para passear. Logo. Ele ainda não havia nascido. A única coisa a qual sabia era que ele era um labrador puro, ficaria bonito e bem educado. A casa do Sete já estava pronta.

Alguns dias se passaram e numa ensolarada manhã de sábado, a menininha recebeu uma ligação. Era seu amigo dizendo que ela já podia ir buscar o sétimo, ele estava pronto. Arrumou-se rapidamente e, sem tomar o café da manhã, correu em busca do seu novo bichinho de estimação. Chegando à casa do seu amigo, ouviu da mãe dele que o cachorro nasceu doente, porque a mãe teve complicações no parto. Mesmo assim, não se importou, queria ter o cachorro.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 89 03/12/2013 16:43:33

Levou-o imediatamente ao veterinário para ver qual era a doença do bicho. Foi alertada pela antiga dona que o filhote somente ficava deitado e que não comia ou bebia. Por dizer ao médico sobre isso, o bichinho recebeu um complexo vitamínico e foi levado para casa. Tinha que descansar.

A garota não tirava os olhos do cachorro. Queria que ele levantasse num pulo e começasse a correr com ela, a brincar com a bola ou qualquer outra coisa. Passava a mão em suas orelhas e até deu uns empurrões no bichinho, como quem quisesse dizer: vai, levanta, vamos brincar um pouquinho.

Mesmo com toda a vontade dela, Sete olhava para tudo com lentas piscadas. Vendo que isso não era normal, a menina pegou-o e levou-o para um lugar perto de onde seria sua casa.

E as piscadas ficaram ainda mais lentas quando ele viu o céu azul. A menina imaginava como seu único cachorro seria bonito e forte se não estivesse com aquela dor.

O Sete foi fechando os olhos enquanto a criança observava-o. E numa piscada ainda mais lenta, despediu-se dela, que nada mais pode fazer. Só restou ficar ali, por alguns instantes, sentada ao seu lado, abraçada aos seus joelhos, imaginando como ele seria, num futuro próximo, se houvesse vida.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 90 03/12/2013 16:43:33

Flash

A nuvem cinza faz sumir, lentamente, a luz do sol. Parece que vai chover.

Todos os ponteiros dos relógios param, ao mesmo tempo. O homem que corre para pegar o ônibus torna-se uma estátua bem desenhada. A mala na mão direita, na frente de seu corpo e a parte de trás do seu terno separada dele, indica sua pressa. O cachorro, de boca aberta, preserva o seu latido sem som. A obra do térreo para com seu trabalho ensurdecedor, mesmo que todos os operários estejam lá, com marretas nas mãos e chãos quebrados. As filas continuam estáticas, não muito diferentes do habitual. As pessoas estão paradas nas ruas, nos bancos, supermercados, dentro dos carros.

Tudo o que poderia ser feito não será mais. O segundo será apagado dos dias, das lembranças, da memória das pessoas. É como se, por um instante, alguém pausasse o mundo.

amor_e_outros_contos_miolo.indd 91 03/12/2013 16:43:33

amor_e_outros_contos_miolo.indd 92 03/12/2013 16:43:33

amor_e_outros_contos_miolo.indd 93 03/12/2013 16:43:33

amor_e_outros_contos_miolo.indd 94 03/12/2013 16:43:33

Foto: Arquivo Autor

MARÍLIA CARREIRO FERNANDES é graduada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo.
Iniciou seu trajeto com publicações breves, como o poema *Bemol* e o conto *Vaivém*, ambos em antologias organizadas pela Câmara Brasileira dos Jovens Escritores (RJ). Lançou, em 2013, o livro *Opala Negra* (Editora Pedregulho) e mantém atualizado o site www.mariliacarreiro.com.

9 788564 423299

Marília Carreiro Fernandes

Amor6 e outros contos

APOIO CULTURAL

INSTITUTO SINCADES
INSTITUTO DE AÇÃO SOCIAL E CULTURAL

REALIZAÇÃO

BPES

SECRETARIA DA CULTURA

GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO
CRESCER É COM A GENTE